



## Camponeses-migrantes: narrativas, classe, gênero e raça

Marilda Aparecida de Menezes<sup>1</sup>

**Resumo:** *Nossa proposta neste artigo é compreender como a Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva, em suas reflexões teórico-metodológicas e pesquisas, analisa a experiência social de camponeses(as), que são também trabalhadores(as) assalariados(as), em territórios distantes de suas localidades de origem. Examinaremos dois aspectos. Primeiro, como os camponeses-migrantes, cujas vidas são marcadas por processos de expropriação, desenraizamento e exploração, narram as experiências de trabalho e de vida nos diversos espaços em que circulam, considerando tanto os aspectos materiais quanto simbólicos. Segundo, como as interseções de trabalho, gênero, raça e classe se constituem como eixos centrais na análise dos camponeses(as)-migrantes.*

**Palavras-chaves:** camponeses-migrantes, narrativas, classe, gênero, raça.

**Peasant-migrant Workers: narratives, class, gender and race**

**Abstract:** *Our proposal in this article is to understand how Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva, in her theoretical-methodological reflections and research, analyzes the social experience of peasants, who are also wage workers, in territories far from their places of origin. We will examine two aspects. First, how peasant-migrants, whose lives are marked by processes of expropriation, uprooting*

<sup>1</sup> Universidade Federal do ABC (UFABC) – Santo André – Brasil e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas – Brasil – menezesmarilda@gmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5815-975X>.

*and exploitation, narrate about their work and life experiences in the different spaces in which they circulate, considering both material and symbolic aspects. Second, how the intersections of work, gender, race and class constitute central axes in the analysis of peasant-migrants.*

**Keywords:** peasant-migrants, narratives, class, gender, race.

### **Campeños-migrantes: narrativas, clase, género y raza**

**Resumen:** Nuestra propuesta en este artículo es comprender cómo el Profa. Maria Aparecida Moraes Silva, en sus reflexiones e investigaciones teórico-metodológicas, analiza la experiencia social de los campesinos, que también son trabajadores asalariados, en territorios alejados de sus lugares de origen. Examinaremos dos aspectos. Primero, cómo los campesinos migrantes, cuyas vidas están marcadas por procesos de expropiación, desarraigo y explotación, narran sus experiencias de trabajo y de vida en los diferentes espacios por los que circulan, considerando aspectos tanto materiales como simbólicos. En segundo lugar, cómo las intersecciones de trabajo, género, raza y clase constituyen ejes centrales en el análisis de los campesinos-migrantes.

**Palabras clave:** campesinos-migrantes, narrativas, clase, género, raza.

## Prólogo

Quando recebi o convite para escrever um artigo sobre a trajetória de pesquisa e produção acadêmica da Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva, confesso que precisei de alguns dias para me investir de coragem e enfrentar o desafio. São cerca de 40 anos dedicados à pesquisa, ensino e extensão, com contribuição inovadora e relevante na formação de pesquisadoras(es), professoras(es) e ampla e diversificada produção acadêmica de artigos, livros, capítulos de livros e produção audiovisual. Seu engajamento extrapola os muros da academia e se espalha para diversas organizações da sociedade civil e governamental, como as Pastorais Sociais, Sindicatos, Ministério Público do Trabalho. A sensibilidade e a imaginação sociológica que marcam a sua trajetória de pesquisa se aliam ao compromisso humano e político com as camadas subalternizadas e com as lutas sociais por direitos e dignidade. Ela escreveu sobre muitos temas e categorias sociais, assim como mobilizou diversas teorias, autores(as), fontes de pesquisa e metodologias, constituindo-se como uma cientista social de referência

nacional e internacional. Sua obra e sua trajetória mereceriam um trabalho analítico de maior fôlego, o qual, acredito, poderia ser desenvolvido em uma dissertação, tese de doutorado ou pesquisa de maior alcance. Face à impossibilidade de realizarmos tal empreitada, estamos conscientes da nossa limitada e pontual contribuição neste artigo.

Entre as várias categorias sociais presentes nas pesquisas da Profa. Maria Aparecida de Moraes Silva, ganha destaque a sua dedicação aos camponeses-migrantes. As pesquisas realizadas em cerca de quarenta anos constituem uma contribuição relevante para compreender os processos de transformação agrária e expropriação dos camponeses em diversos territórios no Brasil; o avanço das monoculturas como eucalipto, cana, soja, pecuária; o processo de mecanização e transformações tecnológicas; as modificações nas relações de trabalho; bem como as formas subjetivas, simbólicas como os homens e a mulheres representam e narram sobre os processos que atravessam suas trajetórias de trabalho e vida.

A proposta deste artigo é compreender como, nas suas reflexões teórico-metodológicas e pesquisas, Moraes Silva analisa a experiência social de camponeses(as), que são também trabalhadores(as) assalariados(as), em territórios distantes de suas localidades de origem. Suas vidas são marcadas por *migrações permanentemente temporárias*. Os migrantes são os sujeitos de pesquisa; as migrações são concebidas como “[...] um acontecimento histórico, que atinge os (as) que partem e os (as) que ficam constituído por elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos, *vis-à-vis* as organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia” (Silva e Menezes, 2007: 4).

Fundamentados nessa perspectiva, nossa proposta no presente artigo é examinar dois aspectos. Primeiro, como os camponeses-migrantes, cujas vidas são marcadas por processos de expropriação, desenraizamento e exploração, narrram as experiências de trabalho e de vida nos diversos espaços em que circulam, considerando tanto os aspectos materiais quanto simbólicos. Segundo, como as intersecções de trabalho, gênero, raça e classe se constituem como eixos centrais na análise dos camponeses(as)-migrantes. Nas duas partes, iremos pontuar os processos de expropriação e exploração, as conexões entre os que partem e os que ficam, entre os territórios de origem e os de destino, as articulações entre estrutura e agência, além das relações de dominação e resistência, as subjetividades, as narrativas e memórias.

Diversas metodologias e fontes de pesquisa, tais como história oral, documentos de cartórios, cartas e imagens, foram utilizadas em suas pesquisas. A sensibilidade e a escuta atenta de Moraes Silva para as expressões simbólicas,

sentimentos, emoções das mulheres e homens – camponeses-migrantes – são uma marca presente desde suas pesquisas iniciais na década de 1980, acompanhando toda sua trajetória. Ela também aplicou metodologias inovadoras de pesquisa qualitativa, como os desenhos de crianças e mapas (Silva, Melo e Apolinário, 2007; Silva e Melo, 2009b; Silva, Melo e Apolinário, 2013; Silva, 2018b). As pesquisas fundamentadas na memória são uma marca significativa de sua trajetória de pesquisa. Entre inúmeras contribuições, citamos aqui as oficinas de argila como uma metodologia para ativar e tornar dizíveis as memórias do trabalho, da vida e da família que foram silenciadas ou se tornaram indizíveis (Silva, 2005a: 300).

## Cena 1

### Camponeses (as) e migrantes: experiências e narrativas

O registro no caderno de campo foi insuficiente para retratar o indizível, os silêncios, as falas entrecortadas pelos soluços, o olhar dirigido a nenhum ponto, a miséria dos corpos, o encolhimento, a saudade da “**terra da gente, do lugar da gente**”, enfim toda uma situação de um verdadeiro exílio forçado, de uma fuga e não de uma partida<sup>2</sup> (Silva, 1998a: 30).

Ao definir os sujeitos de suas pesquisas como camponês-migrante, Moraes Silva critica a noção de migrante como uma categoria abstrata, objeto dos fluxos migratórios ou deslocamentos de populações (Silva, 2005b: 54). Trata-se de uma categoria de trabalhadores(as) gestada em processos históricos de expropriação e violência e com pertencimentos territoriais, que envolvem laços sociais de família, parentesco, vizinhança e valores.

Em toda sua obra, podemos observar como os deslocamentos são tratados teórica e metodologicamente por meio das conexões entre os que partem e os que ficam, entre os territórios de origem e os de destino:

Assim, a mobilidade do capital e mobilidade do trabalho foram categorias analíticas importantes à análise dessas realidades sociais, por meio das quais, a migração foi sendo definida como *permanentemente temporária*, que engendra o processo simbiótico do ir e vir e também do ficar. Ambas

---

2 Registro de uma visita, em 1985, a um barracão de trabalhadores migrantes na Região de Ribeirão Preto.

temporalidades não são fixas, são móveis, onde a única permanência é o temporário – no tempo e no espaço (Silva, 2018a: 22).

Em artigo sobre os chamados “queima-latas”, como eram nomeados os trabalhadores migrantes na década de 1980, Moraes Silva analisa as condições de trabalho de camponeses do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, que vinham para trabalhar em Altinópolis, São Paulo, tradicional município produtor de café, o qual, na década de 1980, passou a ter o predomínio da cana de açúcar. Inspirada no referencial de Karl Marx (1981) sobre produção e reprodução da força de trabalho (Marx, 1981; Meillassoux, 1977), Moraes Silva aponta que as áreas rurais com a presença do campesinato, compreendido, no período, como uma categoria social cujo modo de produção era pré-capitalista, são caracterizadas como de reprodução de força de trabalho barata para os setores e áreas de produção capitalista. Se, por um lado, os deslocamentos dos camponeses e o assalariamento são compreendidos como constituintes da lógica de reprodução do capitalismo, por outro lado, são, também, uma estratégia de reprodução da família e do modo de vida camponês. Nos termos de Moraes Silva: “O assalariamento temporário passou a ser o elemento imprescindível de conservação da posse da terra” (Silva et al., 1985: 49).

Moraes Silva interpreta a dupla face do assalariamento, que resulta das condições insuficientes de reprodução da família, mas é, também, uma forma de resistência:

[...] no sentido de expressar a maneira através da qual viabilizam a defesa da terra, da vida, da moradia, da família, de um limitado espaço de autonomia. Resistência no sentido de garantir-lhes a volta à terra; espaço de sua identidade e de reconquista dos próprios laços perdidos da solidariedade familiar e vicinal (Silva et al., 1985: 60).

É uma forma de resistência próxima à *resistência cotidiana*, nos termos definidos por James Scott (1985; 1990) e por Menezes (2002a). Essas formas de resistência não chegam a questionar as condições de exploração e expropriação, mas são estratégias de defesa/proteção do indivíduo e família. Nesse contexto, a autora questiona as teses que defendem uma transformação linear e definitiva do campesinato para o proletário, como indica na apresentação de seu livro *Erantes do fim do Século*: “[...] em vez das alegorias, da história linear, objetiva-se a análise das mediações, da história concreta que se faz e se desfaz, das transformações tanto da estrutura quanto dos sujeitos” (Silva, 1999: 16).

As conexões entre as formas de reprodução social do campesinato e o assalariamento, no caso, entre as regiões rurais do Vale do Jequitinhonha e as regiões da *agroindústria* (conceito utilizado na década de 1980-1990) da cana de açúcar em São Paulo, fazem parte da transição lenta e complexa de transformação do camponês para o proletário, conforme mostra Moraes Silva:

Mesmo que, teoricamente, as unidades camponesas venham a “funcionar” como exército de reserva para esta agricultura capitalista, há que se considerar que a mutação do camponês em força de trabalho, logo a mutação em trabalhador alienado, em tempo de trabalho, insere-se num processo longo, necessariamente histórico, pleno de meandros e sutilezas nem sempre visíveis e reconhecíveis (Silva, 1990: 6).

Embora a lógica do capitalismo se impõe como força dominante, transformando os camponeses em força de trabalho barata, o assalariamento também significa a possibilidade de manter seu modo de vida. Essa perspectiva analítica é perseguida em toda trajetória de Moraes Silva.<sup>3</sup>

Muitos autores fundamentam suas análises na abordagem da preservação ou desintegração dos camponeses. Alguns concluem que a dependência do trabalho assalariado ocasiona uma total proletarização, transformando-os em trabalhadores migrantes, migrantes sazonais, circulares ou temporários (Bremen, 1985). Outros argumentam que eles são camponeses, sendo a migração uma estratégia importante para a sua reprodução social (Garcia Jr., 1989; Woortmann, 1990; Menezes, 1985). Outros entendem que a dependência do trabalho assalariado causa uma relação contraditória, podendo tanto dissolver quanto sustentar a reprodução camponesa. Nesse caso, a categoria atribuída é camponeses-trabalhadores, camponeses-migrantes, camponeses-trabalhadores migrantes (First, 1983; Holmes, 1983; Menezes, 2002b; 2009; Silva, 1988; 1992a; 1999; Sozan, 1976).

Apesar das diferenças de classificação conceitual entre os autores, há um reconhecimento comum de que as migrações e o assalariamento nem sempre expressam uma desintegração do campesinato, uma transição para o proletariado industrial ou a ruptura com o meio rural e integração na cidade, mas também, e muito frequentemente, articulam as múltiplas formas de reprodução camponesa e de trabalho assalariado. Assim, elas têm representado uma estratégia de longa duração de reprodução social em contextos que limitam as condições de acesso à terra, trabalho e vida (Menezes, 2020).

---

3 Como exemplos, mencionamos aqui alguns artigos de Silva (1988; 1990; 1992a; 2001).

A ideia de que a transformação de camponês em proletário é um processo histórico longo tem diversos desdobramentos nas pesquisas realizadas na década de 1990, culminando no livro *Errantes do Fim do Século*, publicado em 1999. O livro resulta de pesquisa exemplar e ampla sobre os processos de expropriação do camponês do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais no contexto de expansão da monocultura do eucalipto, com impacto nas formas tradicionais de uso da terra, além da saída para trabalhar em outros estados, as condições de exploração e dominação no corte de cana, na colheita de café e laranja em São Paulo.

Esses processos são analisados por meio das relações entre diversos personagens hierarquicamente posicionados no cotidiano do trabalho – fiscais, feitores, “gatos”, turmeiros, encarregados, trabalhadoras e trabalhadores.

Moraes Silva mobiliza o conceito de *acumulação primitiva* para explicar o processo de expulsão e expropriação dos camponeses do Vale do Jequitinhonha no contexto do avanço da monocultura do eucalipto. Várias estratégias foram utilizadas como cercamento da terra dos pequenos agricultores com eucalipto, compra por preços irrisórios, ocupação da terra com eucalipto em áreas de cultivo de alimentos. As chapadas, terra de uso comum, onde se podia criar animais e retirar lenha, foram cobertas pelas florestas de eucalipto. Nos termos da autora: “A violência dentro da lei e da ordem patrocinada pelo Estado autoritário, traçou aos camponeses desta região o destino da migração definitiva ou da perpetuidade da migração temporária ou da exclusão social” (Silva, 1999: 57).

Apesar da intensidade dos processos de expropriação, expulsão e alteração das formas de uso da terra, implementados pelo projeto de modernização do Estado autoritário, a autora observa indícios de resistência:

As chapadas foram totalmente cobertas pelas florestas de eucalipto. Há, no entanto, uma resistência surda, invisível, manifesta pelo apego à terra que sobrou. O exemplo maior dessa espécie de espiritualidade em relação à terra, que não existe mais, pode ser descoberto pelas lembranças que compõem a memória individual e coletiva desses camponeses. Ao relatarem sobre o passado, eles projetam o sentimento da ira contida, represada, concretizada pela existência da planta estranha. Ainda que extremamente pobres, migrantes temporários, muitas vezes escravizados em outras terras, sempre regressam à terra de origem. É uma espécie de eterno retorno, de espera de algo que ainda acontecerá, muito embora não se saiba quando, nem como e nem o quê (Silva, 1999: 53).

Poderíamos dizer que o avanço dos eucaliptos sobre a terra dos camponeses altera as condições de reprodução material, mas a relação com a terra permanece no imaginário e nos sentimentos, como pertencimento social e simbólico (Silva, 2006). O eterno retorno é como a busca de algo que simbolicamente existe.

Em diversos artigos, Moraes Silva se interroga quais os sentidos da permanência na terra, considerando que ela não garante as necessidades da família e os homens e as mulheres, em situações de maior vulnerabilidade, precisarem migrar e se assalariar em safras agrícolas no Estado de São Paulo. Citamos aqui a sua resposta em dois artigos, publicados em 1988 e 2001:

[...] a resposta está em se entender os camponeses não só no espaço do trabalho na terra, enquanto meio de vida, mas de entender a terra num universo simbólico, isto é “a terra da gente é o lugar da gente, lá que é o lugar da gente” [...] Portanto, a relação com a terra envolve aspectos espirituais, sociais, culturais (Silva, 1988: 13).

Um outro ponto a respeito da permanência na terra é a concepção que se tem desta, que não é vista apenas como fator de produção, como preço de mercado, como valor de troca. Ela é muito mais do que isso. “A terra carrega sempre outras conotações – de status, segurança, direitos – mais profundas do que o simples valor da colheita” (Thompson, 1987: 64). Portanto, a estratégia, a solução material, visa também a recomposição do modelo cultural (Silva, 2001: 108).

Esses fragmentos são um pequeno exemplo da maestria com a qual Moraes Silva analisa as relações entre os condicionamentos estruturais-econômicos, sociais-culturais, políticos, além das ações do Estado, as subjetividades e as expressões simbólicas. Ela não estabelece determinismos, nem *a-prioris*, mas se fundamenta nas relações sociais historicamente situadas e na experiência (Thompson, 1981) dos indivíduos – homens e mulheres e da família. Para isso, mobiliza metodologias que abordam o simbólico, os sentimentos, as narrativas, as emoções, como a história oral e documentos pessoais, a exemplo das cartas. Ao analisar cartas trocadas entre um homem que migrou para a região de Ribeirão Preto e sua esposa que ficou em Minas Gerais, Moraes Silva observa:

Todas as cartas analisadas iniciam-se pela descrição da emoção ou da alegria em estarem escrevendo ou de terem recebido uma carta, ou pelo ato de darem notícias. O conteúdo versa sobre o trabalho, família, saúde, terra,



animais, pessoas conhecidas. No final, mencionam a saudade e enviam lembranças aos filhos, parentes e pessoas conhecidas (Silva, 2001: 112).

Nas cartas, a mulher e o homem se tornam narradores, traduzindo simbolicamente as relações com a terra, trabalho, os animais, filhos e filhas, vizinhos. Moraes Silva expressa sua análise em termos poéticos:

Ao descrever sobre a própria história, transformam-se em narradores e lembradores que sentem saudades. Narrativas não de um passado longínquo, mas de um passado-presente, vivido em dois espaços e dois mundos. Espaços, mundos e tempos unem-se quando os narradores acham-se separados e, ao contrário, separam-se quando os narradores se unem.

No espaço-tempo do trabalho duro e da exploração, o narrador lembra. Lembra da esposa, dos filhos, da vaca que pariu, das chuvas nas terras ressequidas... Lembra do outro mundo, do outro espaço, do outro tempo. Dá notícias do trabalho, do pouco salário, das dificuldades do cotidiano, da ilusão, do engodo praticado pelos gatos. Fala deste mundo, deste tempo-espaço. Manifesta o desejo, a vontade de voltar. Imagina, chegando até mesmo a duvidar que está fora do seu mundo. Parece até que é um indivíduo fora do mundo. “Às vezes, chego até não acreditar que a gente se encontra nesta longa distância; muitas vezes, paro e penso: parece que estou sonhando, mas depois, volto à realidade e vejo que não é um sonho e sim saudade” [...] (Silva, 2001: 114).

Gostaríamos de tecer três comentários. Primeiro, os narradores – esposa e marido – simbolizam na escrita o entrecruzamento dos espaços, mundos e tempos da roça, do espaço-tempo em que estão a terra, os animais, a família, os parentes, os vizinhos e do espaço-tempo do trabalho nas usinas, do salário, da dominação dos gatos. Segundo, reafirmam-se as relações conjugais e outros elos sociais. Terceiro, destaca-se o sentimento de ausência, difícil de se expressar na linguagem oral ou escrita; às vezes, deixa-se entrever nas flutuações entre *o sonho e a realidade*. A narrativa das cartas pode ser compreendida como a expressão dos sentimentos paradoxais vivenciados pelos que partem e os que ficam, ou seja, sentir-se ausente onde se está presente e presente onde se está ausente, como diz o pensador argelino Abdelmalek Sayad (2000: 20):

Esse é um dos numerosos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente. Duplamente presente – efetivamente aqui e ficticiamente lá – e duplamente ausente – ficticiamente aqui e efetivamente lá – o imigrante teria uma vida dupla, que ultrapassa e que é diversa da oposição tradicional entre vida pública e vida íntima: uma vida

presente, banal, cotidiana, vida que pesa e enreda, vida segunda, ao mesmo tempo cronológica e essencialmente secundária; uma vida ausente, figurada ou imaginada, lembrada, uma vida que foi primeira cronologicamente e que permaneceu primeira, essencial, afetiva e efetivamente, e que, sem dúvida, voltará a sê-lo um dia.

Em um artigo em que essa perspectiva de Sayad nos inspirou, analisamos algumas expressões narrativas da saudade, sofrimento e tristeza de paraibanos que migravam para trabalhar no corte de cana em São Paulo e dos que migraram para São Paulo e Rio de Janeiro na década de 1970 (Menezes e Clementino, 2020).

Assim como as cartas, as narrativas dos migrantes, registradas em entrevistas, revelam a riqueza da interpenetração de saberes, tempos e espaços:

Com a crescente migração, seja a temporária para as safras agrícolas ou para as cidades de outras regiões, a tradição oral compartilhada pela comunidade rural não é apenas criada na localidade, do morador sedentário, mas incorpora a experiência dos que migram (Silva e Menezes, 1999: 23).

Dentre vários autores que inspiram a importância de eleger as narrativas para compreender experiências, espaços, tempos, destaca-se a influência de Walter Benjamin (1994), com as noções de *vivência* e *experiência* (Silva e Menezes, 1999) e a concepção de história:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos momentos (Benjamin, 1987: 223 apud Silva, 2005a: 300).

A compreensão dos limites da oralidade e da escrita para registrar as representações, os sentimentos, emoções, levou Moraes Silva a trilhar outros recursos metodológicos, como as imagens para expressar a multiplicidade das dimensões espaço- temporais, como é o caso do áudio-visual *As andorinhas, nem cá, nem lá*, analisado em Silva (1998a):

[...] a fotografia permitiu o registro de duas dimensões espaço-temporais. Lá, o registro de pessoas e coisas inseridas em um universo material miserável, onde palavras como fome e pobreza assumem conotações tão cruéis,

tornando-se difícil expressá-las por intermédio de palavras, tão somente [...]. Assim sendo, o recurso imagético foi extremamente fecundo à percepção destes dois mundos (Silva, 1998a: 31).

O eixo analítico dos entrelaçamentos de espaços-tempo também está presente nas pesquisas realizadas com camponeses do Maranhão que migram para o corte de cana de São Paulo. No artigo “Vidas transitórias: entre os cocais maranhenses e os canaviais paulistas”, ela diz:

A análise visa também a compreensão da migração temporária enquanto processo envolvendo aqueles que partem – homens, adultos e jovens - e aqueles que ficam – os membros das famílias. O universo empírico da investigação se concentrou em duas cidades de origem dos migrantes – Timbiras e Codó, situadas no sudeste do estado do Maranhão – e na região de destino de Ribeirão Preto, considerada o maior pólo produtor de açúcar e álcool do país (Silva, 2011: 161).

Nesse artigo, a compreensão das articulações entre espaços-tempo é compreendida pelo conceito de *território migratório*:

[...] o conceito de território migratório (Faret, 2001; Flores, 2006) é um instrumento eficaz para a compreensão dos dois espaços – de origem e de destino – não como pontos isolados, embora muito distantes geograficamente, porém como espaços que se acham unidos e próximos socialmente (Silva, 2011: 167).

Trilhando sua perspectiva metodológica do estudo de camponeses-migrantes, Moraes Silva faz pesquisa nas localidades de origem, no Maranhão e em São Paulo (Silva, 2010a; 2011; Silva e Melo, 2012). A reprodução do campesinato se baseava na complementaridade entre agricultura de subsistência e coleta do coco babaçu, segundo uma divisão sexual do trabalho bem definida. A coleta é desenvolvida pelas mulheres e a agricultura pelos homens. Essa realidade passa a sofrer modificações na década de 1970, com a expansão da soja e pecuária, o que abala as formas tradicionais de agricultura e extração do babaçu:

Com isso, as terras começam a ser cercadas pelas propriedades privadas e as florestas de babaçu destruídas. Data deste período o início do processo de expropriação dos camponeses, cujo destino passou ser a migração para regiões de garimpo e desflorestamento da Amazônia, muitos dos quais foram e são ainda escravizados (Silva, 2011: 164).

Face às limitações de acesso à terra de agricultura e extração de babaçu, homens ou famílias inteiras tiveram que migrar para regiões de garimpo e desflorestamento da Amazônia, muitos dos quais foram e são ainda escravizados, e também para os canaviais de São Paulo.

O entrecruzamento dos espaços-tempo, nos textos desde a década de 2000, traduzido no conceito de *território migratório*, pode ser visualizado nas sociabilidades e práticas cotidianas das mulheres:

[...] esperar aos domingos a chamada telefônica junto aos postos de telefonia da cidade, esperar pela volta do pai, em caso de nascimento de uma criança, não participar de festas na ausência dos maridos, ou ainda, casos de rupturas matrimoniais, em função da ausência de maridos, doação dos filhos às avós, em função de novos laços conjugais (Silva, 2011: 170).

A análise das transformações estruturais do avanço da monocultura, cercamento da terra, monocultura de exportação, no contexto do chamado processo de modernização agrícola, é articulada com o olhar atento e escuta ativa aos camponeses – homens e mulheres. Um dos homens, S. Nascimento, entrevistado em 2007, relata sua trajetória de deslocamentos e seu sentimento de pertencimento ao Maranhão:

Eu, desde 1983, que foi a primeira vez que eu saí, ainda era menor de idade. De lá para cá, todos os anos eu saio. Só que para morar mesmo é só no Maranhão. Se eu resolver mudar da minha cidade, eu mudo para outra cidade, mas dentro do Maranhão mesmo. Porque, em primeiro lugar, eu não troco o meu lugar por lugar de ninguém; nem no Brasil, nem fora. Primeiro lugar é lá no Maranhão. Eu trabalho e o meu suor tem que ficar é lá. Quando eu não quiser trabalhar mais aqui, eu vou trabalhar lá. É, a vida nossa é essa (Silva, 2011: 170).

Assim como os camponeses do Vale do Jequitinhonha, S. Nascimento expressa em sua narrativa o pertencimento ao “meu lugar”, “primeiro lugar é lá no Maranhão”, o que contrasta com o “lugar de ninguém”. Seus sentimentos são de um ausente-presente; o espaço-tempo nos canaviais é considerado temporário e o projeto de vida é retornar e ficar no Maranhão. S. Nascimento, assim como os homens e mulheres que migram temporariamente, deixando suas famílias nas localidades de origem, lutam com as armas possíveis para construir as condições de ficar em seus territórios de pertencimento. Para isso, constroem suas casas de tijolo, reformam e lutam para melhorar as condições de vida de seus filhos para que não precisem migrar (Silva, 2011: 170).

Nesta parte, percorremos de modo breve, limitado e pontual como Moraes Silva analisou os processos de expropriação dos camponeses em territórios de mobilidade, a necessidade de migrar e de assalariamento, os entrecruzamentos entre os espaços-tempo, além das expressões simbólicas da terra, lugar e sentimentos de pertencimento. Na parte seguinte, iremos analisar a sua contribuição original e inovadora ao introduzir as intersecções de classe, gênero e raça na análise dos camponeses-migrantes, assim como das relações sociais entre mulheres e homens.

## Cena 2

### Intersecções de classe, gênero, raça

Ao percorrer a produção de Moraes Silva cronologicamente, verificamos que as mulheres estão presentes em seus primeiros textos desde a década de 1980. Já a questão da raça/etnia aparece desde os textos da década de 1990 e tem centralidade no livro *Errantes do fim do século*, como veremos posteriormente.

A posição das mulheres e as relações de gênero e raça estão presentes na análise dos espaços de produção e da vida camponesa, nas migrações, no trabalho nas culturas de café, laranja e cana de açúcar (Silva, 1985; 1988; 1992a; 1993; 1996; 1999; Silva e Melo, 2009a).

No território camponês, as mulheres realizam o trabalho doméstico, cuidado das crianças, cultivo da horta e criação de pequenos animais. Elas também trabalham na roça, atividade considerada do homem. Mesmo a mulher sendo capaz de praticar essa atividade e, de fato, fazendo-a, ela a representa como uma *ajuda* (Silva, 1988).

A organização do trabalho e as representações acerca do trabalho da mulher refletem as relações de gênero presentes nesses grupos sociais (Silva, 1992b). Quando os homens migram e as mulheres ficam no território de origem, como no caso do casal cujas cartas foram analisadas, revela-se a possibilidade da família se manter enquanto uma família camponesa. No entanto, quando as mulheres migram, a proletarianização ganha maior visibilidade:

A saída das mulheres da parcela significa o início de um processo de abandono da terra, pois esta já não garante mais as possibilidades de subsistência. Este momento representa o último esforço de resistência à proletarianização definitiva (Silva, 1988: 13).

No início da década de 1990, havia certa invisibilidade da migração das mulheres. Elas migravam casadas para acompanhar maridos, ou ainda solteiras, e

mesmo viúvas, sozinhas com ou sem filhos. Moraes Silva chama atenção para a necessidade de incluir as mulheres nas pesquisas sobre trabalhadores da cana e a incorporação das relações de gênero significou uma redefinição dos marcos teóricos centrados na classe.

[...] a análise da migração, da ruptura entre vida e trabalho, incluindo a diferenciação entre homens e mulheres nos permitiu ir além das evidências empíricas e resgatar o “concreto como a multiplicidade do diverso”, nas palavras de Marx. Permitiu-nos também redefinir os marcos teóricos de nossas reflexões e a própria práxis. Ou seja, conseguimos enxergar além das classes e interiorizar as palavras de Heleith Saffioti: “As contradições entre as classes sociais e entre as categorias de sexo merecem o mesmo estatuto teórico, quando se deseja ultrapassar o nível estrutural e apreender a dinâmica das práticas sociais” (Silva, 1992a: 312-313).

Gostaríamos de destacar aspectos da contribuição pioneira e inovadora de Moraes Silva. Em primeiro lugar, elenca-se o seu esforço em procurar dar visibilidade à presença das mulheres migrantes enquanto esposas, mães, trabalhadoras, avós e a incorporação da perspectiva analítica de gênero na análise. Segundo, aponta-se a importância de incluir a questão das mulheres e a relação de gênero em atividades e ações promovidas por organismos que atuavam na defesa dos direitos dos trabalhadores, como a pastoral dos migrantes, os sindicatos. Terceiro, há o reconhecimento de que as categorias de sexo e gênero têm o mesmo estatuto teórico da categoria de classe; ademais, o posicionamento analítico e teórico elaborado revela a influência da Profa. Heleith Saffioti, de quem foi aluna na UNESP – Araraquara.

Ao observar as relações de gênero tanto nos territórios camponeses quanto nos de trabalho assalariado, Moraes Silva mostrou como as condições de exploração e dominação são diferenciadas entre homens e mulheres; sobre estas, atuam a opressão de classe e também a de gênero, que se manifesta na relação com diversos personagens: patrões, o marido, o pai, o sogro e os irmãos mais velhos. A análise de trajetórias, experiências e narrativas das mulheres constitui uma metodologia fundamental para analisar eventos, situações e personagens nas situações de exploração-domação. Para reflexão, citamos aqui, apenas como um exemplo, dentre tantas referências, o artigo “O rosto feminino da migração sazonal” (Silva, 1996). Nesse texto, Moraes Silva analisa a trajetória e experiência de Eletriz<sup>4</sup>. Ela se casa aos 14 anos; após 6 anos, foi abandonada pelo marido.

4 A trajetória dessa mulher é também analisada no artigo de Silva e Melo (2009a).

O motivo, segundo ela, “[...] deveu-se à uma longa doença causada por muita ‘fraqueza’. Ficou nove meses internada num hospital em Teófilo Otoni (MG), em virtude de problemas de ‘cabeça’, de ‘incosto” (Silva, 1996: 8).

Após a separação, ela foi morar na terra do sogro, mas a extrema miséria a forçou a migrar para trabalhar na safra da cana na região de Ribeirão Preto. O sogro não lhe permitiu que levasse os filhos com ela. Além da condição de pobreza, vivenciou a dominação masculina, que, na ausência do marido, é personificada no sogro (Silva, 1996: 8).

A intensidade e exploração do trabalho na cana, durante quatorze anos, é simbolizada na exaustão de seu corpo e mente: “Quando eu chego aqui, ninguém me conhece, eu chego no couro e osso. Agora eu não aguento mais. Meus nervos estão tudo esgotado. Não tenho mais forças” (Silva, 1996: 9).

Eletriz, trabalhadora, mãe sozinha com filhos, em sua peleja pela vida e para conseguir manter a si mesma, aos filhos e ao sogro, tem seu corpo e mente espoliados até a exaustão pela engrenagem de exploração dos canaviais e pela relação opressora dos homens – do marido e do sogro.

Além das condições de exploração de classe, salários baixos das mulheres nos canaviais, como cortadoras de cana, ainda enfrentam preconceito de gênero e o assédio sexual:

A saída da casa para o eito representou para essas mulheres inúmeros enfrentamentos, tais como “pega caminhão”, significava ato de puta, de mulher desavergonhada, que queria estar entre homens; no eito sofre, muitas vezes, perseguições e sevícias sexuais de feitores e agenciadores, além de salários mais baixos. (Silva, 1993: 120)

A relação de gênero e classe adquire um estatuto mais amplo e incorpora a noção de raça/etnia. Essas três dimensões são contempladas na noção de “nó”, proposta por Saffioti<sup>5</sup>, e incorporada em vários trabalhos de Moraes Silva.

Para ter uma ideia da importância dessa noção, segue um fragmento do Prefácio ao livro *Errantes do fim do século* (1999), escrito por Saffioti:

O trabalho de Maria apresenta, dentre outros, o mérito de haver selecionado um assunto e tê-lo estudado pelos recortes de gênero, raça/etnia e classe social. Realizou com muita competência uma análise em termos de minha ideia de nó. Para que o leitor se familiarize com esta noção-diretriz, é necessário preveni-lo de que não se trata de um nó apertado. A figura do nó foi

5 Para a definição da noção de nó, ver Saffioti (2015) e Motta (2018).

usada por mim para mostrar, simultaneamente, a simbiose entre o racismo, o sexismo e as classes sociais, assim como deixar aberta a possibilidade de se puxar uma ou outra ponta dos eixos que o formam, para se realizar um escrutínio mais acurado. Não se trata de separar estas contradições, que operam por meio desta nova realidade de caráter fusional, mas de examinar cada uma delas à luz do nó que formam. O nó não apresenta frouxidão dos laços que se desfazem ao menor movimento. Tampouco é duro a ponto de tornar irreconhecíveis as contradições que o compõem. E, sobretudo, deixa as pontas dos eixos à vista, dispostas a revelar suas especificidades. O mais importante a frisar, contudo, é a natureza contraditória do nó, que, ademais, é regido por uma lógica também contraditória. Vale dizer que trabalhar com a categoria do nó exige, não um raciocínio linear, mas dialético. Maria soube apreender muito bem esta ideia e aplicá-la. Mais que isto, não foi repetitiva, foi original, criando novas maneiras de utilizar minha ideia (Saffioti, 1999: 9).

Saffioti fala da intersecção da classe, gênero e raça. No entanto, não estabelece hierarquias entre essas *organizações*; não há determinação de uma sobre a outra. Por isso a ideia do “nó” frouxo, segundo a qual, a depender das relações sociais concretas em contextos históricos específicos, pode-se puxar uma ou outra ponta desses eixos. Moraes Silva faz referência à noção do “nó” em entrevista publicada na revista *Lutas Sociais* (Silva et al., 2015). No Prefácio do livro *Errantes do Fim do Século*<sup>6</sup>, Moraes Silva mostra com clareza a sua proposta teórica-metodológica:

[...] em vez das alegorias, da história linear, objetiva-se a análise das mediações, da história concreta que se faz e se desfaz, das transformações tanto da estrutura quanto dos sujeitos. Aprofunda e alarga o entendimento do eixo da exploração-dominação por meio da acepção das três organizações sociais que se entrecruzam e marcam estas vidas: de classe, gênero e étnico/racial. Atrás dos rostos escurecidos pela fuligem da cana queimada, portanto, por detrás do trabalhador abstrato, enxerga-se o negro, a negra, o migrante, o homem, a mulher (Silva, 1999:16).

A intersecção entre as três organizações sociais – classe, gênero e étnico/racial – é analisada por meio das experiências e trajetórias de mulheres, negras

6 Em artigo introdutório a um dossiê sobre Saffioti (Falquet, Mano e Gonçalves, 2020: 5), as autoras fazem menção à ideia de nó aplicada no livro (Silva, 1999).



e camponesas-trabalhadoras. Citamos aqui brevemente o caso de Cida, que desde tenra idade, aos 13 anos, tem a vida marcada pela dominação masculina. O pai a tira da escola para cortar cana. Ela tem uma trajetória de trabalho informal e precário, colheita de amendoim, cana, algodão e empregada doméstica. Sua fala relata conflitos de diferentes facetas. “Segundo suas palavras, sempre teve uma ‘natureza de cão’” (Silva, 1999: 271).

Cida se revoltou contra o autoritarismo do pai, dos irmãos mais velhos e do feitor. A “natureza de cão” a direcionou para outros enfrentamentos. Sua primeira participação foi na greve da Usina Maringá (Silva, 1999: 272). Ela enfrentou a dominação de gênero do pai e dos irmãos, e de classe, mas não conseguiu se livrar do fardo do preconceito da cor e da dominação de gênero em seus relacionamentos afetivos. “O fardo da cor é maior, segundo ela, do que o de ser mulher e pobre” (Silva, 1999: 281). Moraes Silva mobiliza a noção de “nó” para compreender a trajetória de Cida:

Sua trajetória de mulher, “bóia-fria” e negra, reflete o nó das três organizações. Nó que nada mais é do que uma trama na qual se move seu drama. Em alguns momentos, tenta desfazer o nó, mas é incapaz de vencer os três destinos constitutivos de seu ser (Silva, 1999: 281).

Vemos na trajetória de Cida e na análise de Moraes Silva a simbiose entre classe, gênero e raça, mas também os deslocamentos tensionados por suas ações. Cida enfrenta de forma corajosa e ativa os dominadores e as condições de dominação, buscando conquistar respeito e reconhecimento. Mas o poder dessas organizações sociais a faz fraquejar: “De combativa, transforma-se em desiludida e sem esperança, deslocada” (Silva, 1999: 281).

As personagens que citamos aqui, Eletriz e Cida, foram cortadoras de cana na década de 1990, período em que predominava o corte manual e que a força física e a habilidade para o corte de cana de homens e mulheres eram essenciais para garantir as atividades do ciclo agrícola nas usinas. Eram, portanto, trabalhadores e trabalhadoras necessários para garantir a acumulação capitalista e o lucro das usinas. Essa situação se altera desde a década de 2000, com a introdução ampla do processo de mecanização das atividades agrícolas, especialmente da colheita da cana.

Moraes Silva tem acompanhado em suas pesquisas as transformações nos processos tecnológicos das usinas e das relações de trabalho. Ela constata que a mecanização não apenas eliminou milhares de postos de trabalho, mas aprofundou os níveis de exploração da força de trabalho (Silva, Bueno e Melo, 2015:

191; Silva, Bueno e Melo, 2014: 90). Houve também as modificações na divisão sexual do trabalho:

[...] este proceso también implicó una nueva división sexual del trabajo por medio del incremento de la precariedad y vulnerabilidad. El uso de máquinas y tecnología avanzada correspondió al proceso de degradación del trabajo (Silva, Bueno e Melo, 2015). En el caso de las mujeres, ellas hacen parte de cuadrillas (*turmas*) bajo el comando de los enganchadores que circulan en diversas plantaciones (Silva, 2016: 27).

A degradação do trabalho, precariedade e vulnerabilidade pode ser observada nas atividades reservadas às mulheres, como o recolhimento de pedras para limpar o terreno por onde a colheitadeira irá passar:

Entre as atividades que ainda empregam mulheres está o recolhimento das pedras nos canaviais, como já foi mencionado. Tal processo pode ser descrito como um dos movimentos de “abre-alas” para a máquina colheitadeira passar. Isso porque o terreno precisa ficar livre de pedras que possam danificar as lâminas das enormes e potentes máquinas colheitadeiras (Silva, Bueno e Melo, 2014: 98).

Outros tipos de trabalho realizado por mulheres são a recolha da bituca – os restos de cana deixados pelas máquinas –, a distribuição de herbicidas, formicidas e extração de um tipo de capim chamado colônio; esta última atividade exige muita força física:

É uma atividade pesada, exige muita força física. Trata-se de um trabalho pesado, dado que exige muito dispêndio de energia para extrair as raízes profundas do capim. A preferência por mulheres deve-se ao fato de elas “serem mais cuidadosas”, segundo os fiscais do controle (Silva, Bueno e Melo, 2014: 100).

O pagamento é na diária. O trabalho das mulheres está sob vigilância direta de fiscais, que controlam a intensidade e qualidade. Assim, as mulheres, além de ganharem menores salários do que no corte de cana, têm seus corpos dilapidados. As entrevistadas relatam o sofrimento do trabalho, as dores na coluna, de cabeça, enjoos, vômitos, inapetência, desmaios, alergias, perturbações visuais, além de outras queixas.

Além dessas condições degradantes de trabalho, as mulheres enfrentam dificuldades para contratação. Segundo uma das entrevistadas, Sra. Neusa, com

base em um critério sexista, as usinas preferem mulher que não tenha previsão de engravidar, como as que têm laqueadura (Silva, Bueno e Melo, 2014: 107). Vamos, assim, que os critérios utilizados pelas usinas se fundamenta na simbiose de exploração – dominação entre classe, gênero e raça (Saffioti, 1990: 22; Silva, Bueno e Melo, 2014: 107)

As narrativas das personagens citadas até aqui expressam a espoliação de seus corpos e mentes: Eletriz, quando retorna da safra de cana, sente-se como “couro e osso” e com “os nervos esgotados”; Cida, mulher, negra, bóia-fria, tem uma trajetória marcada por enfrentamentos e formas de resistência às condições de dominação de classe, gênero e raça. Cida lutou e sonhou por direitos e dignidade, mas foi se transformando em desiludida e sem esperança. Como ela diz, “já sonhei demais, já me iludi muito, agora não, acho que vai ser daqui para pior” (Silva, 1999: 181). Neusa simboliza o lugar destinado às mulheres face ao domínio das colheitadeiras de cana, o trabalho pesado, precário e degradante de recolher pedras, para limpar a passarela por onde as máquinas irão desfilar.

É por meio do trabalho que lutam para manter suas famílias e conquistar dignidade. Contudo, as relações de dominação de classe, gênero e raça vivenciadas em suas trajetórias de vida fragilizaram seus corpos e mentes e as destituíram de devaneios e sonhos.

Todas essas mulheres, Eletriz, Cida e Neusa, são camponesas, migrantes e trabalhadoras assalariadas que vivenciaram condições de expropriação e situações de dominação de classe, gênero e raça. Assim como essas mulheres lutaram e lutam com as armas possíveis para poderem existir, em um mundo que teima em fazê-las sofrer e morrer, gostaria de garimpar outras experiências e modos de vida em que as mulheres são personagens de outras formas de trabalho associadas à vida, ao devaneio e ao sonhar. Proponho fazer referência aqui às reflexões realizadas por Moraes Silva sobre as mulheres pobres, camponesas, fiandeiras, oleiras, viúvas de maridos vivos do Vale do Jequitinhonha. Em um belo artigo, Moraes Silva toma a categoria trabalho como central, entendida não apenas como dispêndio de força física e mental, mas envolvendo significados e representações (Silva, 1998b). Ela analisa o trabalho por meio das categorias de classe, gênero e etnia e compreende que as mulheres pobres não foram destituídas de sua agência – possuem saber, capacidade de ação e criatividade.

Há uma unidade entre o trabalho agrícola, doméstico, na indústria doméstica de fiação e tecelagem, bem como na atividade com o barro. É fazer, devanear e saber, em que vida e trabalho são indissociáveis, diferentemente da ruptura entre trabalho e vida no contexto das relações de assalariamento capitalista.

Essa unidade foi se esfacelando com o processo de expropriação dos camponeses e com o avanço do eucalipto nas chapadas. Na década de 1990, período da pesquisa, havia, ainda, mulheres que se dedicavam às atividades com a fiação, tecelagem e com o barro. O trabalho é representado como prazer, como realização pessoal, não havendo alienação, ou seja, a dissociação entre a produtora e o produto do trabalho. O objeto é representado como a expressão da própria criadora, da mulher que teceu uma colcha ou produziu uma panela de barro.

Vejam a narrativa de Dona Antonia, mulher camponesa, fiandeira:

[...] eu acho mais bonito a senhora olhar prá mim, me dar valor do que dar valor para a colcha. Porque o valor está na cabeça... Porque o dinheiro, minha filha, nós trabalhando, nós precisamos de dinheiro. Agora, o valor da gente se acabar, a gente não vai achar ele mais não (Silva, 1998b: 92).

O valor primeiro é o da pessoa, da criadora, Dona Antônia; o objeto, a colcha, é colocado em plano secundário. O trabalho aqui é representado como uma unidade entre a criadora e seu objeto, diferentemente do trabalho nas usinas, em que há dissociação entre o trabalho das mulheres e o objeto – a cana cortada.

Silva nos diz: “Há uma personalização das pessoas e não das coisas, como na fetichização da mercadoria sob o capitalismo” (Silva, 1998b: 94).

Tecer fios é um trabalho, o qual é constituinte das condições de reprodução social dos camponeses, assim como as atividades na terra, cuidado de animais, cuidado da casa. Mas o tempo em que é realizado, após a lida do trabalho cotidiano, e o espaço – quando se senta à sombra –, compõe simbolicamente uma concepção de trabalho em que a criação e produção de objetos estão associadas ao devaneio, ao descanso, ao imaginário lúdico e às sociabilidades. “A fiandeira, ao tecer, dá forma ao produto que realiza. Ela cria, e ao criar, tece os possíveis. Estes possíveis são carregados de simbolismo” (Silva, 1998b: 95).

É por meio do trabalho que Eletriz, Cida e Neusa lutam para manter suas famílias e conquistar dignidade. Entretanto, as relações de exploração e dominação de classe, gênero e raça vivenciadas em suas trajetórias de vida fragilizam seus corpos e mentes e as destituem de devaneios e sonhos. Antônia, ao tecer, após a lida, à sombra, descansa seu corpo e a imaginação ganha asas. Isso contrasta com o trabalho assalariado das mulheres nas usinas de cana de açúcar.

## Epílogo

Lutar pela sobrevivência não significa apenas trabalhar, porém, não raramente, inserir-se nas lutas políticas e sociais dos trabalhadores em busca dos direitos negados, experiência forjada por muitos deles ao longo de suas vidas. As narrativas expressam vozes que almejam ser escutadas. Vozes que se foram e continuam sendo abafadas pela ideologia dos donos de fazendas, usinas e também do Estado, cujo teor é o incentivo “a maior produtividade do trabalho”, assentada em métodos de exploração que se assemelham aos primórdios do capitalismo no século XIX. A imbricação entre as narrativas e as memórias de um tempo fragmentado é carregada de sentidos e simbolismos, tecidos nas colchas dos tearzinhos, nos potes de argila, nos feixes de cana, nas amêndoas do coco babaçu, embaixo dos pés de café, nas lagoas de cana podre, nos sulcos cheios d’água, nos pés molhados de veneno, no caldeirão sem comida, na recusa de ser chamado de pé de cana, na defesa de Julinha e Dolá... Narrativas que fazem parte da história, embora negada pela história. Que os “pontos brilhantes” dessas narrativas possam, de alguma maneira, servir de fermento para outra história (Silva, 2010b: 40-41).

## Referências

- BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. v. 1. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 222-232.
- BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. v. 1. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994, pp. 197-221.
- BREMAN, Jan. *Of peasants, migrants and paupers: rural labour circulation and capitalist production in West India*. Delhi, Oxford University Press, 1985.
- FALQUET, Jules; MANO, Maíra Kubík e GONÇALVES, Renata. 50 anos de A mulher na sociedade de classes: o pioneirismo de Heleieth Saffioti e suas contribuições teóricas para os estudos feministas e de gênero. *Caderno CRH*. Salvador, v. 33, 2020, pp. 1-9.
- FARET, Laurent. Mobilité spaciale et territorialité: de la diversité de formes de construction du rapport aux lieux. *Séminaire PRISMA*. Toulouse, 10-11 maio, 2001.
- FIRST, Ruth. *Black gold: the Mozambican miner, proletarian and peasant (work-songs and interviews recorded by Alpheus Manghezi)*. Brighton, Harvester Press; New York, St. Martin's Press, 1983.

- FLORES, Sara María Lara. Circulación territorial y encadenamientos migratorios de los jornaleros agrícolas en el Noroeste del México. *Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 1, n. 49, 2006, pp. 13-34.
- GARCIA JR., Afrânio Raul. *O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. Brasília, Editora Marco Zero/Editora UnB/CNPq, 1989.
- HOLMES, Douglas R. A peasant-worker model in a northern Italian context. *American Ethnologist*. Hoboken, v. 10, n. 4, 1983, pp. 734-748.
- MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. São Paulo, Paz e Terra, 1981.
- MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto, Afrontamento, 1977.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba. Dissertação de Mestrado, Sociologia Rural, UFPB, 1985.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação. *Raízes*. Campina Grande, v. 21, n. 1, 2002a, pp. 32-44.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de Famílias de Camponeses-Migrantes*. João Pessoa, Editora UFPB; Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002b.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações: uma experiência histórica do campesinato do Nordeste. In: GODOI, Emilia P. de; MENEZES, Marilda A. de e MARIN, Rosa A. (orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. v. 2. São Paulo, UNESP; Brasília, NEA, 2009, pp. 269-288.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. Trabalho, família e migrações: uma relação afetiva e uma trajetória de pesquisa. *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*. Buenos Aires, v. 4, 2020, pp. 1-09.
- MENEZES, Marilda Aparecida de e CLEMENTINO, Jurani O. Ausência, família e sentimento de pertencimento. In: DIAS, Gustavo; BORGUS, Lucia; PEREIRA, José Carlos Alves e BAPTISTA, Dulce (orgs.). *A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad*. São Paulo, EDUC, 2020, pp. 247-268.
- MOTTA, Daniele Cordeiro. Desvendando Heleieth Saffioti. *Lutas Sociais*. São Paulo, v. 22, n. 40, 2018, pp. 149-160.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 14., 22-26 out. 1990, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu, ANPOCS, 22-26 out. 1990.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Prefácio. In: SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, pp. 5-9.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo, Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia – Revista do Migrante*. São Paulo, v. 13, Número Especial, 2000, pp. 7-32.

- SCOTT, James C. *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven/London, Yale University Press, 1985.
- SCOTT, James C. *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. New Haven/London, Yale University Press, 1990.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A Migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo. *Travessia – Revista do Imigrante*. São Paulo, v. 1, n. 1, 1988, pp. 9-15.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Como Expulsar o camponês do proletário. *Revista Travessia – Revista do Imigrante*. São Paulo, v. 8, 1990, pp. 5-11.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. As Migrações Temporárias e o mundo da vida das mulheres. *Boletim de Geografia Teórica*. Rio Claro, v. 22, n. 43, 1992a, pp. 306-313.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Destinos e trajetórias de camponeses-migrantes. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., 1992b, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, ABEP, 1992b, v. 3, pp. 161-77.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalhadores e trabalhadoras rurais: a condição humana negada. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 7, n. 3, 1993, pp. 116-124.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. O rosto feminino da migração sazonal. *Travessia – Revista do Imigrante*. São Paulo, v. 26, n. 9, 1996, pp. 7-11.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. As Andorinhas, Nem Cá, Nem Lá. *Cadernos Ceru*. São Paulo, v. 9, n. 2, 1998a, pp. 29-45.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Fiandeiras, tecelãs, oleiras: redesenhando as grotas e veredas. *Projeto História*. São Paulo, v. 16, 1998b, pp. 75-104.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo, Editora UNESP, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A terra no imaginário dos camponeses migrantes. *História Oral*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2001, pp. 25-47.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Das mãos à memória. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia e NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.) *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru, Edusco, 2005a, pp. 295-315.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Zélia e TRUZZI, Oswaldo. *Estudos migratórios: Perspectivas metodológicas*. São Carlos, EdUFSCar, 2005b, pp. 53-86.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Experiência e memória na bagagem dos caminhantes da terra. *Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 49, 2006, pp. 35-65.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Expropiación de la tierra, violencia y migración: campesinos del nordeste de Brasil en los cañaverales de São Paulo. In: FLORES, Sara Maria Lara (coord.). *Migraciones de Trabajo y movilidad territorial*. Cidade do México, Miguel Angel Porrúa, 2010a, pp. 307-332.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. *RURIS*. Campinas, v. 4, n. 2, 2010b, pp. 13-43.

- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Vidas transitórias: entre os cocais maranhenses e os canaviais paulistas. *Revista da ANPEGE*. Recife, v. 7, n. 1, 2011, pp. 161-178.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Las trabajadoras nómadas. *Revista De Ciencias Sociales*. San Pedro, v. 29, 2016, pp. 15-34.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Prefácio. In: SILVA, Maria Aparecida de Moraes e VERÇOZA, Lúcio. *Vidas talhadas no avesso da história: estudos sobre o trabalho nos canaviais*. São Paulo, Annablume, 2018a, pp. 19-28.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Nas cores dos desenhos, as travessias (não travesuras) das crianças maranhenses. *Travessia – Revista do Imigrante*. São Paulo, v. 82, 2018b, pp. 29-63.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; BUENO, Juliana Dourado e MELO, Beatriz de Medeiros de. Quando a máquina “desfila”, os corpos silenciam: tecnologia e degradação do trabalho nos canaviais paulistas. *Contemporânea*. São Carlos, v. 4, 2014, pp. 85-116.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; BUENO, Juliana Dourado e MELO, Beatriz de Medeiros de. La simbiosis perversa: máquinas y la degradación del trabajo en el estado de San Pablo, Brasil. In: RIELLA, Alberto e MASCHERONI, Paola (comp.). *Asalariados rurales en América Latina*. Montevideo, CLACSO, 2015, pp. 187-213.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; BIZELLI, José Luís e ARAUJO, Carlos Augusto Moraes e. Queimando Lata: sem eira, nem beira. *Revista Perspectivas*. São Paulo, v. 8, 1985, pp. 41-73.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; GONÇALVES, Renata; RUBBO, Deni Alfaro e RODRIGUES, Marcelo Netto. Estudos rurais a contrapelo: entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. *Lutas Sociais*. São Paulo, v. 19, 2015, pp. 174-189.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e MELO, Beatriz de Medeiros de. Partir e ficar: dois mundos unidos pelas trajetórias dos migrantes. *REMHU*. Brasília, v. 33, 2009a, pp. 129-153.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e MELO, Beatriz de Medeiros de. Desenhos e mapas: uma contribuição aos estudos migratórios. *Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon, v. 20, 2009b, pp. 41-52.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e MELO, Beatriz de Medeiros de. Vidas em trânsito: mujeres migrantes em los palmerales de Maranhão em las Ciudades de cañaverales Paulistas. In: BENDINI, Monica e TSAKOU MAGKOS, Pedro. *Trabajo rural y travesías migratorias*. Neuquén, EDUCO, 2012, pp. 201-236.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz de Medeiros de e APOLINÁRIO, Andréia Peres. A família, tal como ela é, nos desenhos das crianças. *RURIS*. Campinas, v. 1, n. 1, 2007, pp. 105-156.



- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz de Medeiros de e APOLINÁRIO, Andréia Peres. A família tal como ela é nos desenhos das crianças. *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte, v. 21, 2013, pp. 153-186.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e MENEZES, Marilda Aparecida. Migrantes temporários: fim dos narradores? *Neho – Revista do Núcleo de Estudos de História Oral*. São Paulo, v. 1, n. 1, 1999, pp. 11-33.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões. *Revista Eletrônica do Nead*. São João del-Rei, v. 1, 2007, pp. 1-14.
- SOZAN, Michael. Sociocultural transformation in East Central Europe: the case of the Hungarian peasant-worker in Burgenland. *East Central Europe*. Leiden, v. 3, 1976, pp. 195-209.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 2, 1987.
- WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 1990, pp. 35-51.

Recebido em: 11 de abril de 2024

Aprovado em: 26 de abril de 2024

### **Como citar este artigo:**

MENEZES, Marilda Aparecida de. Camponeses-migrantes: narrativas, classe, gênero e raça. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.14, p. 1-25, e141309, 2024.  
DOI: <https://doi.org/10.14244/contemp.v14.1309>